

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

MARINA SILVA DO ROSÁRIO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM MEDICINA
VETERINÁRIA: CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

**CAXIAS DO SUL
2021**

MARINA SILVA DO ROSÁRIO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM MEDICINA
VETERINÁRIA: CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Medicina Veterinária apresentado como requisito para obtenção de título de Médico Veterinário pela Universidade de Caxias do Sul na Área do Conhecimento de Clínica Médica e Cirúrgica de Animais de Companhia.

Orientador:

Prof. Dr. Eduardo Conceição de Oliveira

Supervisora:

M.V. Renata de Oliveira Saccaro

CAXIAS DO SUL

2021

MARINA SILVA DO ROSÁRIO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM MEDICINA
VETERINÁRIA: CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Medicina Veterinária apresentado como requisito para obtenção de título de Médico Veterinário pela Universidade de Caxias do Sul na Área do Conhecimento de Clínica Médica e Cirúrgica de Animais de Companhia.

Aprovado em 21/06/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Conceição de Oliveira
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Me. Vanessa Milech
Universidade de Caxias do Sul - UCS

M. V. Aline Fantinel Pazzim
Mestranda do PPGSA da Universidade de Caxias do Sul - UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe Marcia, por nunca medir esforços pela minha felicidade, por sempre me apoiar e me incentivar a não desistir dos meus sonhos. Ao meu pai Paulo, por toda ajuda, sem você nada disso teria sido possível. As minhas sobrinhas e a minha irmã Letícia, por estarem sempre ao meu lado, em todas as circunstâncias.

Ao meu companheiro Rodrigo, por acreditar na minha capacidade, estar sempre ao meu lado me encorajando, me dando força e me aconselhando, obrigada por permanecer, sem você o caminho teria sido mais difícil.

A Universidade de Caxias do Sul e todos os professores que fizeram parte e colaboraram na minha educação. E claro, ao meu orientador, professor e amigo Dr. Eduardo Conceição de Oliveira, muito obrigada por toda ajuda durante esses anos e pela orientação durante a confecção deste relatório.

A toda equipe do Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro, em especial a Dra. Renata pela oportunidade, e as Médicas Veterinárias Cristiane e Tainara, por me apoiarem nesse momento tão crucial para a minha formação e crescimento pessoal. A todos vocês, minha eterna admiração.

E por fim agradeço à minha filha de quatro patas Xispita, por sempre estar junto comigo, obrigada pelas inúmeras demonstrações de amor e por me ensinar tanto sobre a vida.

*“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível,
e de repente você estará fazendo o impossível.”*

São Francisco de Assis

RESUMO

O presente relatório tem por objetivo descrever as atividades realizadas durante o estágio curricular obrigatório do Curso de Medicina Veterinária da UCS, realizado no Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro, nas áreas de clínica médica e clínica cirúrgica de animais de companhia. O estágio teve início no dia 1 de março de 2021 e concluiu-se no dia 28 de maio do mesmo ano, totalizando 504 horas, sob a supervisão da Médica Veterinária Renata de Oliveira Saccaro e orientação do Prof. Eduardo Conceição de Oliveira. No decorrer deste período foi possível acompanhar os atendimentos clínicos, procedimentos cirúrgicos, e exames complementares de imagem realizados, terapias posteriormente instituídas e a evolução dos casos na rotina clínica. Sobre a casuística acompanhada, somaram um total de 124 animais, sendo 73,4% cães, e 26,6% gatos, onde afecções do sistema digestório e glândulas anexas apresentaram maior incidência. Dentre os casos acompanhados, optou-se por relatar dois casos clínicos, o primeiro de linfoma mediastínico em felino doméstico FeLV positivo e o segundo de nefropatia juvenil associada a suspeita clínica de displasia renal em canino doméstico. O estágio curricular obrigatório é uma etapa fundamental para a formação do futuro médico veterinário, a partir desta experiência o conhecimento teórico adquirido ao longo da graduação pode ser correlacionado com situações da prática profissional, aproximando o acadêmico da realidade do exercício da profissão.

Palavras-chave: Felino. Linfoma. FeLV. Canino. Nefropatia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do local do estágio curricular obrigatório, fachada do HVRS	10
Figura 2 – Recepção e Sala de espera do HVRS	11
Figura 3 – Consultório para atendimento dos pacientes do HVRS	12
Figura 4 – Sala de visitas (Figura A) e Sala de reuniões do HVRS (Figura B)	12
Figura 5 – Estrutura interna da ala de internamento para pacientes caninos (Figura A) e ala de internamento para pacientes felinos (Figura B) do HVRS	13
Figura 6 – Estrutura interna do Setor de Diagnóstico por Imagem (Figura A) e Laboratório de Análises Clínicas (Figura B) do HVRS	13
Figura 7 – Blocos Cirúrgicos do HVRS	14
Figura 8 – Estrutura interna da ala de internamento para pacientes com doenças infectocontagiosas (isolamento) do HVRS	14
Figura 9 – Casuística dos atendimentos clínicos acompanhados e sua distribuição conforme a espécie (Figura A) e Casuística de predominância dos sexos conforme espécie (Figura B) na rotina do estágio no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	16
Figura 10 – Apresentação das raças caninas mais acompanhadas na rotina do estágio no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	16
Figura 11 – Casuística dos atendimentos cirúrgicos acompanhados e sua distribuição conforme a espécie (Figura A) e Casuística de predominância dos sexos conforme espécie (Figura B) na rotina do estágio no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	24
Figura 12 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: radiografia torácica, projeções laterolateral (A) e ventrodorsal (B), evidenciando alterações relacionadas a derrame mediastinal	26
Figura 13 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: ecodopplercardiografia, evidenciando estrutura adjacente e cranial ao coração	27
Figura 14 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: radiografia torácica, projeções laterolateral (A) e ventrodorsal (B), evidenciando alterações relacionadas a derrame mediastinal	28
Figura 15 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: radiografia torácica, projeções laterolateral (A) e ventrodorsal (B), evidenciando alterações relacionadas a derrame mediastinal	28
Figura 16 – Canino, Shih-tzu, 6 meses de idade, com suspeita clínica de displasia renal: ultrassonografia renal, demonstrando a perda da arquitetura do órgão	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Procedimentos clínicos acompanhados durante o estágio curricular na área de Clínica Médica no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	17
Tabela 2 – Casuística clínica de acordo com os grupos de afecções acompanhados no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	18
Tabela 3 – Afecções digestórias e glândulas anexas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	18
Tabela 4 – Afecções tegumentares acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	19
Tabela 5 – Afecções musculoesqueléticas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	19
Tabela 6 – Afecções geniturinárias acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	20
Tabela 7 – Afecções oncológicas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	20
Tabela 8 – Afecções infectocontagiosas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	21
Tabela 9 – Afecções cardiorrespiratórias acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	21
Tabela 10 – Afecções neurológicas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	22
Tabela 11 – Afecções oftálmicas e otológicas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	22
Tabela 12 – Afecções toxicológicas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	23
Tabela 13 – Procedimentos cirúrgicos acompanhados na rotina do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021	23
Tabela 14 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: Análise hematológica	26
Tabela 15 – Canino, Shih-tzu, 6 meses de idade, com suspeita clínica de displasia renal: Análise hematológica	31
Tabela 16 – Canino, Shih-tzu, 6 meses de idade, com suspeita clínica de displasia renal: Análise bioquímica	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO	10
2.1	HOSPITAL VETERINÁRIO DRA. RENATA SACCARO (HVRS)	10
3	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CASUÍSTICA	15
3.1	ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA	15
3.2	ÁREA DE CLÍNICA CIRÚRGICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA	23
4	RELATO DE CASOS CLÍNICOS	25
4.1	CASO CLÍNICO 1 - LINFOMA MEDIASTÍNICO EM FELINO DOMÉSTICO FELV POSITIVO	25
4.1.1	Introdução	25
4.1.2	Relato de caso	25
4.1.3	Discussão	29
4.2	CASO CLÍNICO 2 - NEFROPATIA JUVENIL ASSOCIADA À SUSPEITA CLÍNICA DE DISPLASIA RENAL EM CANINO DOMÉSTICO	30
4.2.1	Introdução	30
4.2.2	Relato de caso	30
4.2.3	Discussão	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	36
	ANEXO A- ECODOPPLERCARDIOGRAMA FELINO COM LINFOMA MEDIASTÍNICO	39
	ANEXO B- ULTRASSONOGRAFIA CANINO COM SUSPEITA CLÍNICA DE DISPLASIA RENAL	40

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório é uma etapa fundamental para a formação do futuro médico veterinário, a partir desta experiência o conhecimento teórico adquirido ao longo da graduação pode ser correlacionado com situações da prática profissional, aproximando o acadêmico da realidade do exercício da profissão.

Como pré-requisito para conquista de grau pela Universidade de Caxias do Sul, optou-se por realizar o estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de animais de companhia, o local escolhido para realização do mesmo foi o Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro (HVRS), por se tratar do primeiro hospital veterinário da Serra Gaúcha, é referência em seu segmento, com infraestrutura capaz de assegurar a assistência médica veterinária necessária para seus pacientes.

O estágio curricular obrigatório teve início no dia 1 de março de 2021 e concluiu-se no dia 28 de maio do mesmo ano, totalizando 504 horas, sob a supervisão da Médica Veterinária Renata de Oliveira Saccaro e orientação do Prof. Eduardo Conceição de Oliveira.

O presente relatório, teve como objetivo apresentar o local de estágio, descrever as atividades desenvolvidas e casuística clínica observada durante este período, além de apresentar dois relatos de caso clínicos de importância em medicina veterinária, sendo o primeiro de linfoma mediastínico em felino doméstico FeLV positivo e o segundo de nefropatia juvenil associada a suspeita clínica de displasia renal em canino doméstico.

2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

2.1 HOSPITAL VETERINÁRIO DRA. RENATA SACCARO (HVRS)

O estágio curricular obrigatório foi realizado no Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro (HVRS), localizado no Município de Caxias do Sul/RS, na Avenida Therezinha Pauletti Sanvitto, nº 430, Bairro Floresta (Figura 1). É o primeiro hospital veterinário da Serra Gaúcha, tendo início as suas atividades no ano de 2008. Os principais serviços oferecidos pelo HVRS eram consultas com clínicos gerais, consultas com especialistas em diversas áreas veterinárias, cirurgias, internação e área de isolamento, exames laboratoriais, diagnóstico por imagem e vacinação.

Com atendimento 24 horas por dia, de segunda a sexta-feira, o horário comercial correspondia das 8:00 às 18:00 horas, a partir desse horário sob regime de plantão, o sistema de atendimento durante esses dias ocorria principalmente por meio de agendamento prévio, exceto para os casos de emergência. Aos sábados o regime de plantão se iniciava a partir das 17:00 horas, o atendimento funcionava por ordem de chegada, sem agendamento prévio, priorizando o atendimento aos pacientes de emergência. Aos domingos atendia com o horário de plantão durante todo o dia.

Figura 1 – Apresentação do local do estágio curricular obrigatório, fachada do HVRS



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

O corpo clínico contava com a atuação de dez médicos veterinários atuantes na área de clínica médica e cirúrgica, com a possibilidade quando necessário de atendimento terceirizado com especialistas. Quanto aos estagiários curriculares, o quadro era composto por duas pessoas, em escala pré-determinada. Durante o período de estágio, a equipe contava com a colaboração

de duas recepcionistas, uma diretora administrativa, uma gerente administrativa, uma auxiliar de limpeza e um auxiliar veterinário.

O Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro, contava com uma ampla infraestrutura de dois andares, e subsolo com garagem para prestadores de serviço e funcionários. No primeiro andar localizava-se a recepção, sala da administração, sala da direção, lavabo, três consultórios, isolamento, sala de visitas, cozinha de uso comum e lavanderia. No segundo andar localizava-se o internamento gatil, internamento canil, sala de diagnóstico por imagem, sala de laudos, laboratório de análises clínicas, bloco cirúrgico, sala de preparação pré-cirúrgica, sala de esterilização de materiais cirúrgicos, farmácia, sala de reuniões, dormitório e dois banheiros.

A recepção era o local onde o tutor inicialmente se direcionava para realizar o cadastro do seu animal de estimação, aguardava pelo atendimento veterinário na sala de espera (Figura 2).

Figura 2 – Recepção e Sala de espera do HVRS



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Para realização dos atendimentos de cães e gatos o HVRS contava com três consultórios, dois destes destinados às consultas clínicas, revisões e vacinações, e um destinado às consultas com especialistas. Todos os consultórios eram padronizados e possuíam uma mesa de procedimentos, uma escrivaninha com computador que contava com sistema de gestão próprio, onde era preenchida a ficha de anamnese e exame clínico do paciente, além de uma pia para lavagem das mãos contendo um armário integrado com itens de enfermagem (Figura 3).

A sala de visitas (Figura 4A), era o espaço disponibilizado para o tutor acompanhar o seu animal de estimação internado. Nesse local também eram realizadas as altas médicas, onde o médico veterinário responsável explicava a prescrição médica e sanava as eventuais dúvidas. A sala de reuniões (Figura 4B), era o ambiente utilizado pelo corpo clínico do hospital no primeiro horário da manhã, com o objetivo de realizar a troca de plantão entre os profissionais,

nesse momento eram repassadas as informações sobre os pacientes internados, definido ajustes das prescrições médicas e condutas clínicas futuras. Durante a noite, na troca de plantão eram repassadas as informações necessárias sobre os pacientes internados para a equipe que assumiria o próximo turno.

Figura 3 – Consultório para atendimento dos pacientes do HVRS



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

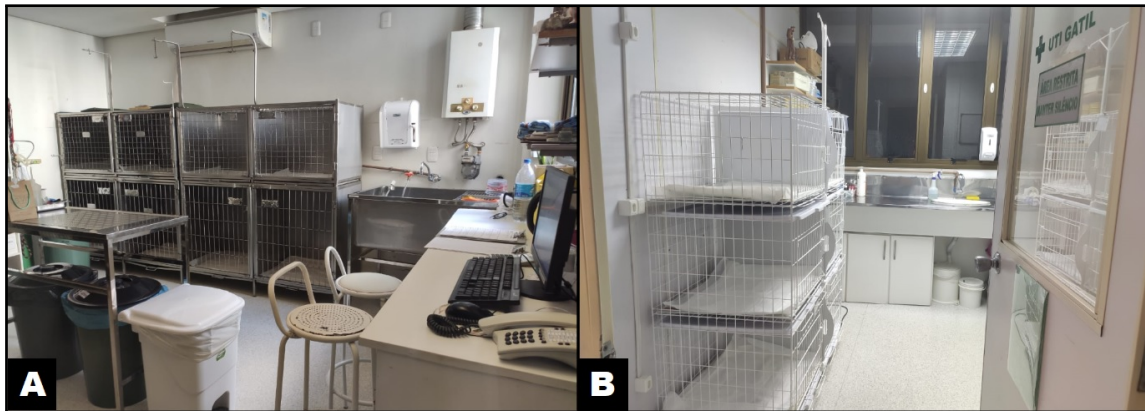
Figura 4 – Sala de visitas (Figura A) e Sala de reuniões do HVRS (Figura B)



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Para os animais que necessitavam de tratamento intensivo de acordo com a espécie, eram destinados para a respectiva internação. A internação canil, era equipada com dezenove gaiolas individuais, com local para identificação do paciente (Figura 5A). A internação gatil, era equipada com seis gaiolas individuais, com local para identificação do paciente (Figura 5B).

Figura 5 – Estrutura interna da ala de internamento para pacientes caninos (Figura A) e ala de internamento para pacientes felinos (Figura B) do HVRS



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Logo à frente da internação canil, encontrava-se o Setor de Diagnóstico por Imagem (Figura 6A), uma sala para a realização de laudos radiográficos e ultrassonográficos, e o Laboratório de Análises Clínicas (Figura 6B).

Figura 6 – Estrutura interna do Setor de Diagnóstico por Imagem (Figura A) e Laboratório de Análises Clínicas (Figura B) do HVRS



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

O setor para procedimentos cirúrgicos do HVRS contava com uma sala pré-operatória e dois blocos cirúrgicos. Na sala pré-operatória eram realizadas administrações de medicações pré-anestésicas, era realizado o acesso venoso e a tricotomia dos pacientes. O bloco cirúrgico A, possuía aparelho monitor multiparamétrico e aparelho de anestesia inalatória com sistema aberto e fechado (Figura 7A). O bloco cirúrgico B, preferencialmente era utilizado para procedimentos cirúrgicos contaminados, atendimentos e estabilização de pacientes vindos de emergência (Figura 7B).

Figura 7 – Blocos Cirúrgicos do HVRS



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

O isolamento para pacientes com doenças infectocontagiosas, possuía dez gaiolas individuais, com local para identificação do paciente, também era equipado com geladeira para armazenamento de medicações de uso exclusivo para esse setor (Figura 8).

Figura 8 – Estrutura interna da ala de internamento para pacientes com doenças infectocontagiosas (isolamento) do HVRS



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CASUÍSTICA

As atividades desenvolvidas durante o estágio curricular no Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro (HVRS) foram realizadas nas áreas de clínica médica de animais de companhia e clínica cirúrgica de animais de companhia.

3.1 ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA

Durante as consultas clínicas e revisões, foi possível acompanhar e observar a conduta do médico veterinário responsável frente aos tutores e pacientes durante a anamnese, exame físico geral, exames complementares solicitados à partir da suspeita clínica, e terapias instituídas de acordo com o diagnóstico. Após a finalização do atendimento com o tutor, o médico veterinário se encontrava disponível para a discussão do caso e condutas junto ao estagiário. Em situações de emergência, foi possível acompanhar a reanimação e estabilização de pacientes em estado crítico.

Na internação, foi possível auxiliar o médico veterinário responsável nas diversas atividades realizadas nesse setor. Era permitido realizar a aferição de parâmetros vitais dos animais internados (frequência cardíaca, frequência respiratória e temperatura retal), prestar cuidados básicos de bem-estar e higiene aos pacientes, preparação e administração de medicamentos, montagem de material para fluidoterapia, auxílio e realização de acesso venoso, coleta de materiais biológicos para análises clínicas, auxílio na realização de cistocentese e toracocentese.

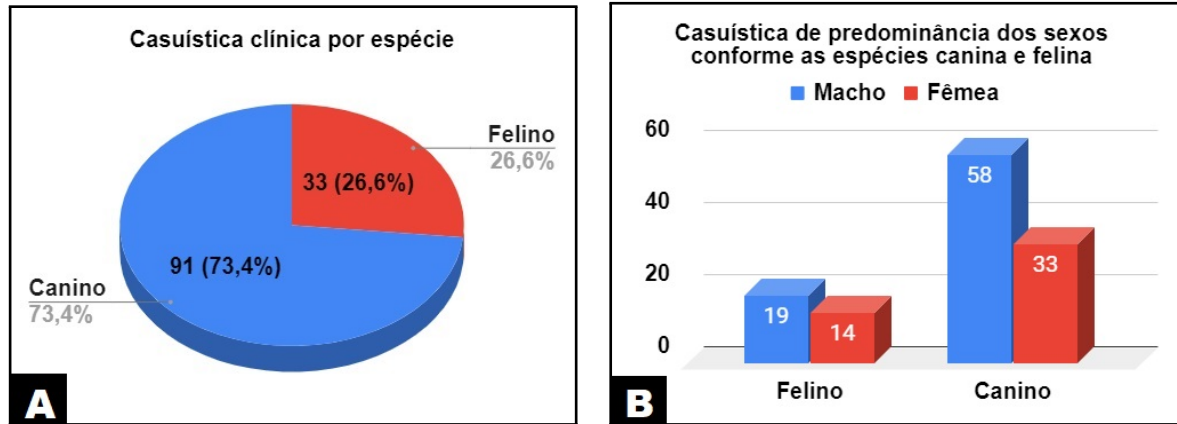
No setor de diagnóstico por imagem, acompanhou-se exames de ultrassonografia, radiologia e ecocardiografia transtorácica, auxiliando o médico veterinário responsável na contenção e posicionamento dos animais, e posteriormente visualização e interpretação das imagens.

Durante o período de estágio na área de clínica médica de animais de companhia, foram acompanhados um total de 120 casos. Também foram acompanhadas quatro avaliações clínicas para imunização vacinal, essas em três caninos e em um felino, totalizando 124 animais atendidos durante o período de estágio no HVRS.

Pode-se observar uma predominância nos atendimentos a espécie canina, totalizando 91 cães (73,4%), em comparação com a espécie felina, totalizando 33 felinos (26,6%) dos atendimentos (Figura 9A). Dentre os atendidos clínicos, a predominância dos sexos conforme as espécies, machos caninos obtiveram predominância em relação as fêmeas caninas com 58 casos. Já nos atendimentos aos felinos, os machos predominaram com 19 casos em relação as fêmeas da mesma espécie (Figura 9B).

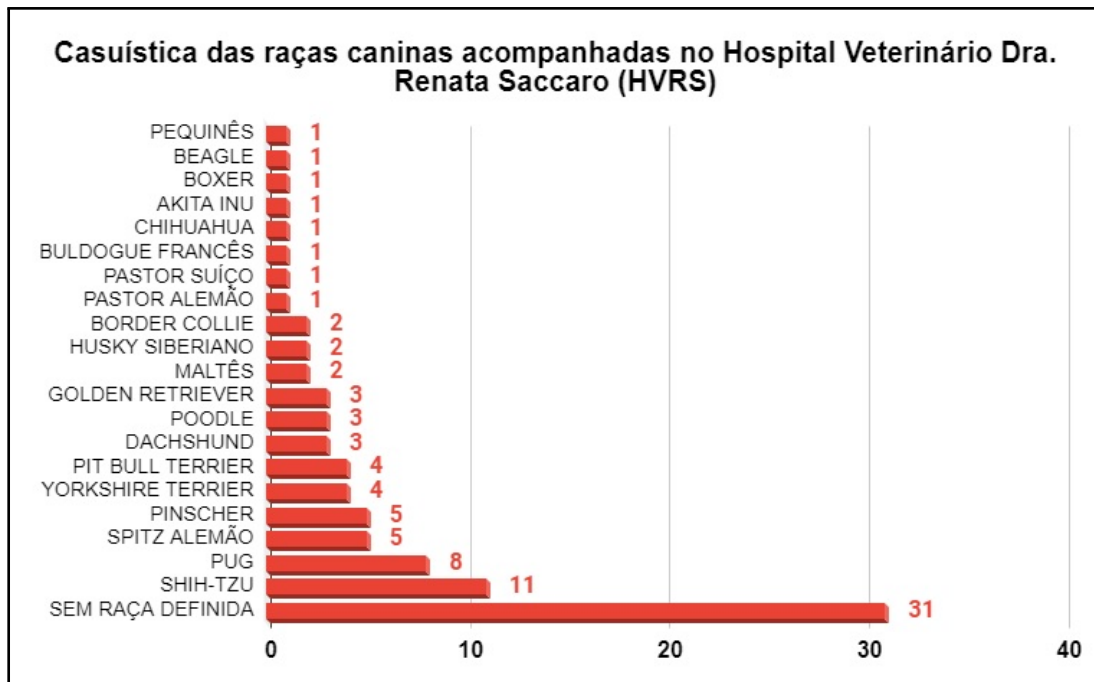
Os animais sem raça definida (SRD) tiveram maior prevalência em cães, 31 casos dos atendimentos nesta espécie, em relação aos felinos os animais SRD foram a totalidade dos atendidos. A Figura 10 apresenta os animais de raça caninas mais prevalentes atendidos no setor de clínica médica, sendo eles 31 SRD (34,06%), 11 Shih-tzu (12,08%), oito Pug (8,79%), seguidos de cinco Spitz alemão (5,94%) e cinco Pinscher (5,94%).

Figura 9 – Casuística dos atendimentos clínicos acompanhados e sua distribuição conforme a espécie (Figura A) e Casuística de predominância dos sexos conforme espécie (Figura B) na rotina do estágio no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Figura 10 – Apresentação das raças caninas mais acompanhadas na rotina do estágio no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A Tabela 1, apresenta alguns procedimentos clínicos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório no Hospital Veterinário Dra. Renata Sacarro (HVRS). Alguns procedimentos foram realizados com maior frequência, como a coleta de sangue (20,36%), ultrassonografia (17,14%), acesso venoso (16,43%) e radiografia (11,79%), seguidos de aplicação de medicamento (10,07%).

Tabela 1 – Procedimentos clínicos acompanhados durante o estágio curricular na área de Clínica Médica no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Procedimentos	Felinos	Caninos	Total	%
Coleta de sangue	19	38	57	20,36
Ultrassonografia	13	35	48	17,14
Acesso venoso	16	30	46	16,43
Radiografia	12	21	33	11,79
Aplicação de medicamento	12	19	31	10,07
Ecocardiografia	2	5	7	2,50
Teste FIV/FeLV	6	0	6	2,14
Reanimação cardiopulmonar	2	4	6	2,14
Retirada de pontos	2	4	6	2,14
Raspado cutâneo	0	5	5	1,79
Aferição da glicemia	1	3	4	1,43
Toracocentese	3	1	4	1,43
Vacinação	1	3	4	1,43
Coleta swab de conduto auditivo	0	3	3	1,07
Teste de fluoresceína	1	2	3	1,07
Cistocentese	2	1	3	1,07
Citologia aspirativa por agulha fina	1	1	2	0,71
Eutanásia	1	1	2	0,71
Lavagem de vesícula urinária	2	0	2	0,71
Retirada espinho de ouriço	0	2	2	0,71
Aferição da pressão arterial	0	1	1	0,36
Teste de Schirmer	0	1	1	0,36
Sondagem uretral	1	0	1	0,36
Drenagem de abscesso	0	1	1	0,36
Enema	1	0	1	0,36
Retirada de mífase	0	1	1	0,36
Total	98	182	280	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Durante o estágio na área de clínica médica foram acompanhadas diversas afecções, conforme apresentadas na Tabela 2. Pode-se observar que as afecções do grupo de doenças digestórias e glândulas anexas (23,33%), tegumentares (15,83%), seguidas de enfermidades geniturinárias (10,83%), musculoesqueléticas (10%), oncológicas (9,17%) e infectocontagiosas (9,17%) tiveram uma maior prevalência sobre os demais.

A tabela 3, apresenta as principais doenças acompanhadas dentre as afecções digestórias e glândulas anexas, grupo de maior casuística acompanhadas no HVRS. Com um predomínio em cães, nota-se que as principais afecções foram gastroenterite e pancreatite aguda, representando 28,57% e 21,43% respectivamente dos casos. Em sua totalidade, obtiveram-se decorrentes de alimentação inapropriada.

Segundo Nelson e Couto (2015), a espécie canina é comumente afetada por alterações gástricas e entéricas, isso ocorre devido ao hábito alimentar indiscriminatório. Alimentos inapro-

priados e ricos em gordura podem ser fatores desencadeante de pancreatite aguda da mesma forma, os sinais clínicos são variados, e o diagnóstico pode ser obtido através da avaliação ultrassonografia.

Tabela 2 – Casuística clínica de acordo com os grupos de afecções acompanhados no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Grupos de afecções	Caninos	Felinos	Total	%
Digestório e glândulas anexas	24	4	28	23,33
Tegumentares	17	2	19	15,83
Geniturinárias	8	5	13	10,83
Musculoesqueléticas	8	4	12	10,00
Oncológicas	4	7	11	9,17
Infecção contagiosas	6	5	11	9,17
Cardiorrespiratórias	5	4	9	7,50
Neurológicas	6	0	6	5,00
Oftálmicas e Otológicas	5	0	5	4,17
Outras afecções	3	1	4	3,33
Toxicológicas	2	0	2	1,67
Total	88	32	120	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Tabela 3 – Afecções digestórias e glândulas anexas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções digestórias e glândulas anexas	Canino	Felino	Total	%
Gastroenterite	8	0	8	28,57
Pancreatite aguda	6	0	6	21,43
Corpo estranho gástrico	4	0	4	14,29
Gastrite	3	0	3	10,71
Fístula infra-orbitária	2	0	2	7,14
Tríade felina	0	2	2	7,14
Gastrite medicamentosa	1	0	1	3,57
Lipidose hepática	0	1	1	3,57
Complexo gengivoestomatite	0	1	1	3,57
Total	24	4	28	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A tabela 4, apresenta as principais doenças acompanhadas dentre as afecções tegumentares no HVRS. Onde a laceração cutânea assim como a dermatite à picada de abelha, obtiveram os maiores índices, representando 31,58% e 26,32% das respectivamente ocorrências.

Com predominância na espécie canina, os casos de laceração cutânea, em sua totalidade, obtiveram-se decorrente de feridas penetrantes causadas por mordedura. Após realizada a estabilização do paciente, as feridas são expostas por meio de tricotomia, após é realizada a limpeza

da ferida e exploração, com a finalidade de identificar sua extensão total e comunicações (RABELO, 2012).

Animais envolvidos em acidente por abelha, podem apresentar reações locais de dor, eritema e edema, e reações sistêmicas de prurido, rubor generalizado, formação de placas e pápulas urticariformes. O tratamento é de suporte, com administração de glicocorticoide, anti-histamínico e analgésico (CRIVELLENTI; BORIN-CRIVELLENTI, 2015).

Tabela 4 – Afecções tegumentares acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções tegumentares	Caninos	Felinos	Total	%
Laceração cutânea	4	2	6	31,58
Dermatite à picada de abelha	5	0	5	26,32
Demodicose	3	0	3	15,79
Acidente com ouriço-terrestre	2	0	2	10,53
Dermatite atópica	1	0	1	5,26
Miíase	1	0	1	5,26
Pododermatite	1	0	1	5,26
Total	17	2	19	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A tabela 5, apresenta as principais doenças acompanhadas dentre as afecções musculoesqueléticas no HVRS. Onde a fratura de pelve obteve 25% dos casos acompanhados, assim como o politraumatismo. Os casos de fraturas representados foram oriundos em sua maioria devido a trauma automobilístico, onde a radiografia juntamente ao exame físico, foram essenciais para evidenciar a localização das mesmas.

Tabela 5 – Afecções musculoesqueléticas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções musculoesqueléticas	Caninos	Felinos	Total	%
Fratura de pelve	2	1	3	25,00
Politraumatismo	2	1	3	25,00
Contusão muscular	1	0	1	8,33
Fratura de costela	1	0	1	8,33
Fratura de rádio e ulna	1	0	1	8,33
Fratura de Salter-Harris tipo I	0	1	1	8,33
Fratura fêmur	1	0	1	8,33
Disjunção de sínfise mandibular	0	1	1	8,33
Total	8	4	12	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Na tabela 6, estão descritas as afecções geniturinárias acompanhadas no HVRS. Onde a alteração com maior casuística foi a doença renal crônica, com 30,77% dos casos. A doença renal crônica é uma importante causa mortalidade em animais de companhia, ocorre principalmente

em animais com idade avançada, entretanto pode ser observada em animais jovens, associada a doenças renais congênitas ou hereditárias (NOTOMI et al., 2006). Os sinais clínicos visualizados na maioria dos pacientes estavam relacionados com alterações gastrointestinais, anorexia e apatia.

A piometra foi a doença de maior incidência no sistema reprodutivo de fêmeas, com 15,38% dos casos, a maioria das pacientes acompanhados era fêmeas, de idade avançada, não castradas, em sua totalizada na espécie canina. A piometrite possui alta incidência na espécie canina, é uma das afecções que mais causam morte em cadelas (CABRAL et al., 2016).

Tabela 6 – Afecções geniturinárias acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções geniturinárias	Canino	Felino	Total	%
Doença renal crônica	2	2	4	30,77
Displasia renal	2	0	2	15,38
Piometra	2	0	2	15,38
Urolitíase vesical	1	1	2	15,38
Cistite bacteriana	0	1	1	7,69
Hiperplasia prostática	1	0	1	7,69
Obstrução uretral	0	1	1	7,69
Total	8	5	13	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Na tabela 7, descreve as afecções oncológicas acompanhadas no HVRS. Onde 36,36% estava relacionada a neoplasias mamárias, em seguida de linfoma mediastínico 27,27% este em sua totalidade na espécie felina. No exame clínico as neofomações mamárias podem ser facilmente identificadas. Para gatas, geralmente os tumores de mama possuem alta malignidade e capacidade metastática. O diagnóstico precoce associado ao tratamento agressivo (mastectomia bilateral e quimioterapia adjuvante) são importantes para a sobrevivência desses pacientes (DALECK; DE NARDE, 2016).

Tabela 7 – Afecções oncológicas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções oncológicas	Canino	Felino	Total	%
Neoplasia mamária	3	1	4	36,36
Linfoma mediastínico	0	3	3	27,27
Metástase pulmonar de neoplasia mamária	0	2	2	18,18
Carcinoma de células escamosas	0	1	1	9,09
Neoplasia interdigital de anexo cutâneo	1	0	1	9,09
Total	4	7	11	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A tabela 8, descreve as afecções infectocontagiosas acompanhadas no HVRS. Onde a parvovirose canina e a leucemia viral felina (FeLV), se demonstraram prevalentes, com 36,36% e

27,27% dos casos respectivamente.

O diagnóstico para parvovirose canina era baseado no histórico, sinais clínicos do paciente e PCR. Para FeLV era utilizado *kits* comerciais de triagem por ELISA para obter o diagnóstico da doença. Felinos acometidos pelo vírus da FeLV, podem exibir sinais clínicos leves ou para aqueles persistentemente infectados desenvolvem vários distúrbios, como anemias. Para seu diagnóstico *kits* comerciais de triagem por ELISA podem ser utilizados a partir de amostra sanguínea (LITTLE, 2018).

Em caninos, o diagnóstico clínico de parvovirose é sugestivo, uma vez que a sintomatologia é inespecífica, o PCR vem sendo considerada pela maioria dos autores um dos testes mais sensíveis e específicos disponíveis no mercado. O tratamento baseia-se na terapia de suporte (RODRIGUES; MOLINARI, 2017).

Tabela 8 – Afecções infectocontagiosas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções infectocontagiosas	Canino	Felino	Total	%
Parvovirose canina	4	0	4	36,36
Leucemia viral felina (FeLV)	0	3	3	27,27
Imunodeficiência viral felina (FIV)	0	2	2	18,18
Cinomose canina	2	0	2	18,18
Total	6	5	11	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A tabela 9, descreve as afecções cardiorrespiratórias de maior casuística acompanhadas no HVRS. Onde a efusão pleural se demonstra prevalente, com 33,33% dos casos, em sua totalidade na espécie felina. Animais que apresentam efusão pleural possuem sinais clínicos de angústia respiratória. Inicialmente a oxigenoterapia deve ser iniciada para a estabilização do paciente, assim que o paciente estiver conectado a uma fonte de oxigênio, a toracocentese deve ser realizada, para drenagem da efusão e proporcionar conforto respiratório ao paciente (LITTLE, 2018).

Tabela 9 – Afecções cardiorrespiratórias acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções cardiorrespiratórias	Canino	Felino	Total	%
Efusão pleural	0	3	3	33,33
Bronquite	2	0	2	22,22
Colapso de traqueia	1	0	1	11,11
Hemotórax	1	0	1	11,11
Endocardiose de mitral	1	0	1	11,11
Tromboembolismo aórtico distal	0	1	1	11,11
Total	5	4	9	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A tabela 10, são descritas as afecções neurológicas acompanhadas no HVRS. Onde a doença do disco intervertebral (DDIV), se demonstrou prevalente, com 50,00% dos casos acompanhados, observada na totalidade em caninos da raça Dachshunds. O diagnóstico baseia-se na resenha, histórico clínico e exame neurológico. O tratamento inclui cirurgia descompressiva ou tratamento clínico conservativo, em estudos realizados anteriormente, pode-se contatar que a extrusão de disco ocorreu em cães condrodistróficos com idade entre dois e sete anos de vida (SANTINI et al., 2010).

Tabela 10 – Afecções neurológicas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções neurológicas	Canino	Felino	Total	%
Doença do disco intervertebral	3	0	3	50,00
Epilepsia idiopática	2	0	2	33,33
Hidrocefalia	1	0	1	16,67
Total	6	0	6	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A tabela 11, apresenta as principais doenças acompanhadas dentre as afecções otológicas e oftálmicas no HVRS. Onde a otite externa obteve maiores índices, representando 60% das ocorrências, em sua totalizada em caninos. Os sinais clínicos podem resumir-se ao prurido, e agitação da cabeça, ao exame clínico o exsudato torna-se evidente (LUSA; AMARAL, 2010). Também foi acompanhado um caso de entrópio em um canino da raça Shih-tzu e um caso de úlcera de córnea superficial, o qual foi diagnosticado através do exame oftalmológico completo e teste de fluoresceína.

Tabela 11 – Afecções oftálmicas e otológicas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções oftálmicas e otológicas	Canino	Felino	Total	%
Otite externa	3	0	3	60,00
Entrópio	1	0	1	20,00
Úlcera de córnea superficial	1	0	1	20,00
Total	5	0	5	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A tabela 12, apresenta as afecções toxicológicas acompanhadas no HVRS. Onde a intoxicação por ivermectina obteve 50% dos casos acompanhados, assim como a intoxicação *Cycas revoluta*, em sua totalizada em caninos. Intoxicações em alguns casos podem ocasionar alterações a nível neurológico e gastrointestinal.

Como foi possível visualizar no caso de intoxicação por *Cycas revoluta*, ocorreu em um canino após ingestão das sementes da planta, sendo observado sinais clínicos de incoordenação e alteração gastrointestinal. Os transtornos gastrointestinais e alterações neurológicas estão

comumente relatados (PEREIRA et al., 2020). No caso de intoxicação por ivermectina, ocorrido em um canino da raça Border collie, após administração do medicamento pelo tutor, sendo observado sinais clínicos de sialorreia, ataxia, depressão e hipertermia. A toxicidade está relacionada à predisposição racial, onde o fármaco ultrapassa a barreira hematoencefálica, ocasionando depressão do sistema nervoso central (LAVADOURO et al., 2013).

Tabela 12 – Afecções toxicológicas acompanhadas na rotina clínica de cães e gatos do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Afecções toxicológicas	Canino	Felino	Total	%
Intoxicação por <i>Cycas revoluta</i>	1	0	1	50,00
Intoxicação por ivermectina	1	0	1	50,00
Total	2	0	2	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Além de todos os casos descritos acima, foram acompanhados quatro casos de Tríade neonatal, sendo em três caninos e um felino. A Tríade neonatal acomete principalmente filhotes órfãos, sem suporte adequado durante esse período, é caracterizada pelos quadros de hipotermia, hipoglicemia e desidratação acarretando altas taxas de mortalidade (SANCHES et al., 2017).

3.2 ÁREA DE CLÍNICA CIRÚRGICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA

Em procedimentos cirúrgicos foi possível colaborar na preparação de animais para cirurgia, participar dos procedimentos como circulante, após o término do procedimento o estagiário auxiliava na realização do curativo do paciente, e acompanhava a recuperação anestésica do animal em internamento. Durante o período de estágio na área de clínica cirúrgica de animais de companhia, foram acompanhados um total de 11 casos.

Nota-se que os procedimentos de maior casuística durante o período de estágio no setor de clínica cirúrgica de animais de companhia do HVRS foram a orquiectomia e a ovário-histerectomia representando 27,27% e 27,27% dos respectivos casos (Tabela 13).

Tabela 13 – Procedimentos cirúrgicos acompanhados na rotina do HVRS, no período de 1/03/2021 à 28/05/2021

Procedimentos cirúrgicos	Felinos	Caninos	Total	%
Orquiectomia	0	3	3	27,27
Ovário-histerectomia	0	3	3	27,27
Cistotomia	1	1	2	18,18
Mastectomia unilateral total	1	1	2	18,18
Gastrotomia	0	1	1	9,09
Total	2	9	11	100

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

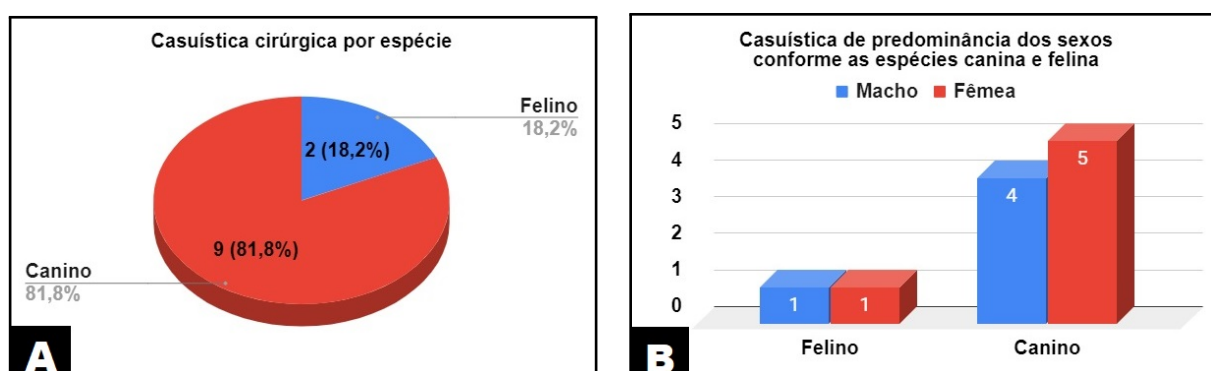
A indicação primária para as cirurgias do sistema reprodutor é limitar a reprodução, podendo ser instituída para fim eletivo ou terapêutico (LACERDA, 2012). A totalidade das orquiectomias acompanhadas foram com finalidade eletiva. Dois dos casos acompanhados de ovário-histerectomia foram realizados com finalidade terapêutica, pois os animais apresentavam piometrite.

Dois casos de mastectomia foram acompanhados, com finalidade terapêutica. Esse procedimento é um dos únicos meios que possibilita a resseção completa das neoplasias mamárias, prevenindo o surgimento de futuras metástases, a partir do tecido mamário é possível realizar avaliação histopatológica do tecido acometido, o qual direciona o médico veterinário ao tratamento e prognóstico do paciente (JERICÓ; ANDRADE NETO; KOGIKA, 2015).

Foi possível acompanhar duas cistotomias durante o estágio realizado no HVRS, ambas para retirada de urólitos presentes em vesícula urinária. A cistotomia é o método comumente usado para remoção de cálculos vesicais, é um procedimento cirúrgico conhecido, o período trans-operatório geralmente é curto, e as complicações são raras (FOSSUM, 2014). Também foi possível acompanhar uma gastrotomia, para retirada de corpo estranho no estômago de um canino.

De todos os casos cirúrgicos acompanhados, pode-se observar uma predominância nos atendimentos a caninos, totalizando 9 cães (81,8%), em relação a 2 felinos (18,2%) (Figura 11A). Dentre os caninos que passaram por procedimentos cirúrgicos, o gênero mais acometido foi de fêmeas com 5 casos, em comparação a 4 machos. Já nos procedimentos realizados em felinos, não ocorre predominância em relação ao sexo (Figura 11B).

Figura 11 – Casuística dos atendimentos cirúrgicos acompanhados e sua distribuição conforme a espécie (Figura A) e Casuística de predominância dos sexos conforme espécie (Figura B) na rotina do estágio no HVRS no período de 1/03/2021 à 28/05/2021



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

4 RELATO DE CASOS CLÍNICOS

4.1 CASO CLÍNICO 1 - LINFOMA MEDIASTÍNICO EM FELINO DOMÉSTICO FELV POSITIVO

4.1.1 Introdução

As neoplasias são apontadas como uma das principais causas de morte nos animais de companhia. O linfoma é a neoplasia mais comum na espécie felina. É caracterizada pela proliferação de linfócitos de comportamento biológico maligno, a qual pode comprometer diferentes estruturas anatômicas (DALECK; DE NARDE, 2016).

O linfoma mediastinal em felinos, acomete animais jovens, soropositivos para leucemia viral felina (FeLV) (GREENE, 2015). Os sinais clínicos são variados, e estão relacionados diretamente com a localização geográfica da neoformação, quando há efusão pleural, a maioria dos pacientes apresentam angústia respiratória, e são hospitalizados, para tratamento ambulatorial e realização da toracocentese (NELSON; COUTO, 2015).

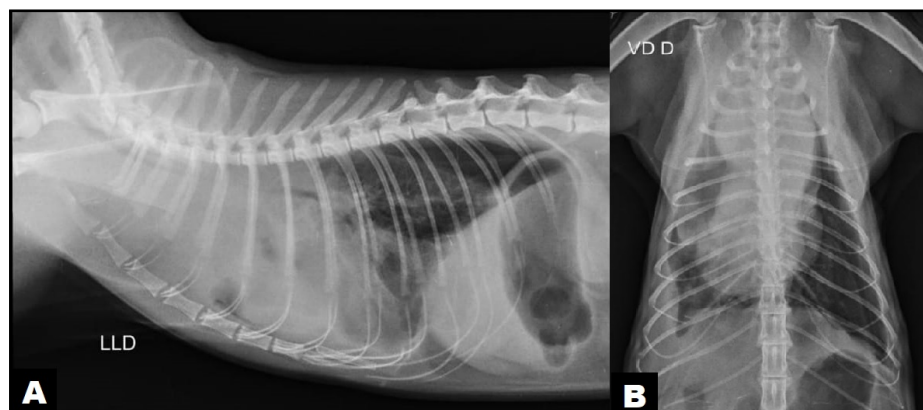
Para definir o estadiamento tumoral, deve ser realizado exames complementares de diagnóstico, como hemograma completo e perfil bioquímico (CRIVELLENTI; BORIN-CRIVELLENTI, 2015). Nos exames complementares de imagem, gatos que apresentarem linfoma, as tumorações podem ser visualizadas radiograficamente e por meio de ultrassonografia, se houver derrame pleural pode ser identificado da mesma forma (NELSON; COUTO, 2015). O diagnóstico confirmatório se dá através da análise histológica e/ou citológico dos tecidos envolvidos ou líquido cavitário (LITTLE, 2018).

A investigação e identificação precoce são fundamentais e estão diretamente relacionadas com a taxa de sucesso do tratamento (LEVY et al., 2008). A quimioterapia sistêmica é a modalidade primária de tratamento, o protocolo associado de ciclofosfamida, vincristina e prednisona, possui resultados positivos, resultando em uma sobrevivência de tempo mediano ao paciente (LITTLE, 2018). Entretanto o prognóstico para felinos positivos para FeLV, quando associado a neoplasias tende a ser ruim (NELSON; COUTO, 2015).

4.1.2 Relato de caso

Um felino, macho, sem raça definida, dois anos de idade, castrado, pesando 3,59 kg, foi atendido no dia 22 de março de 2021 no Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro (HVRS), apresentando anorexia, depressão e dispneia aguda com evolução progressiva. Durante a anamnese, o tutor relatou que o mesmo era portador de leucemia viral felina (FeLV), convive com outros felinos em casa, mas atualmente se mantém apenas em regime domiciliar *indoor*. Anteriormente havia sido atendido em outra clínica veterinária, na qual foi realizada radiografia torácica, no exame foi observado alterações condizentes à efusão pleural (Figura 12).

Figura 12 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: radiografia torácica, projeções laterolateral (A) e ventrodorsal (B), evidenciando alterações relacionadas a derrame mediastinal



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Ao exame físico, constatou-se estado geral de apatia, respiração dispneica, mucosa oral cianótica, ECC 2 considerando escala de 1 a 5, temperatura retal 37,8°C, na ausculta cardíaca observou-se abafamento bilateral e frequência cardíaca de 188 bpm, na ausculta pulmonar observou-se estertor bilateral e frequência respiratória de 28 mpm.

Foi optada pela hospitalização do paciente no HVRS, para estabilização e monitoramento. Nesse primeiro momento, o felino foi submetido a toracocentese, a fim de proporcionar conforto respiratório ao paciente, onde foi drenado aproximadamente 80 ml de líquido livre em cada hemitórax, de aspecto serossanguinolento. Foi realizada coleta de sangue para avaliação hematológica e perfil bioquímico sérico.

Na análise hematológica, em leucograma leucocitose (18,31 K/ μ l) por neutrofilia (15,59 K/ μ l), monocitose (1,07 K/ μ l) e eosinopenia (0,12 K/ μ l), demais resultados se encontravam dentro dos valores de referência (Tabela 14).

Tabela 14 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: Análise hematológica

Exames	Leucograma		Intervalo de referência	Un
	22/03/2021	30/03/2021		
Leucócitos	18.31	13.01	2.87 - 17.02	K/ μ L
NEU	15.59	4.10	2.30 - 10.29	K/ μ L
LYM	1.37	7.96	0.92 - 6.88	K/ μ L
MONO	1.07	0.79	0.05 - 0.67	K/ μ L
EOS	0.12	0.05	0.17 - 1.57	K/ μ L
BASO	0.16	0.11	0.01 - 0.26	K/ μ L

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

A terapia instituída, foi com a utilização de fluidoterapia IV com solução de cloreto de sódio a 0,9%, a uma taxa de infusão de 1,7 ml/kg/hora, ondansetrona (0,16 mg/kg, IV, TID),

metadona (0,2 mg/kg, SC, SID), prednisolona (1 mg/kg, VO, SID), ampicilina (10 mg/kg, IV, SID), citrato de maropitant (1 mg/kg, IV, SID), mirtazapina (3,75 mg/kg, VO, SID, DA) e furosemida (2 mg/kg, IV, SID).

No dia seguinte, foi realizado ecodopplercardiografia (Anexo A), onde foi possível observar estrutura de ecogenicidade heterogênea, localizada adjacente e cranial ao coração, com medidas aproximadas de 4,21x1,63 cm (Figura 13). Foi realizada uma nova toracocentese, onde o líquido cavitário posteriormente foi encaminhando para análise da efusão, os resultados observados foram condizentes com efusão neoplásica, sugerindo linfoma (alto grau).

Figura 13 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: ecodopplercardiografia, evidenciando estrutura adjacente e cranial ao coração



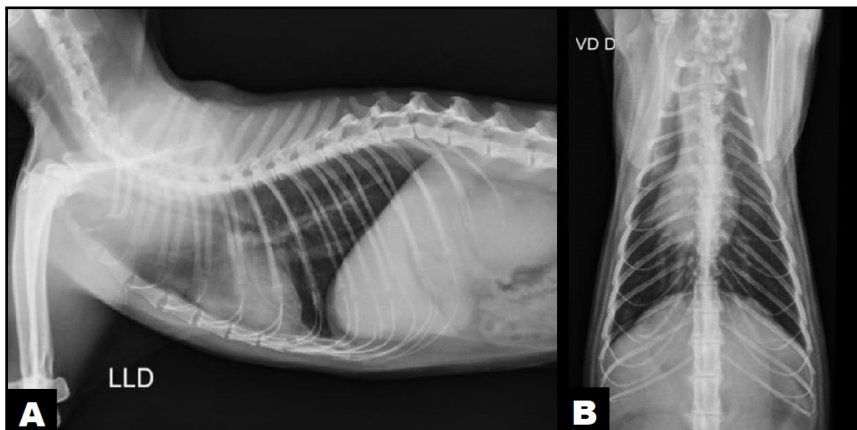
Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Com base nas alterações encontradas na análise da efusão pleural e demais exames complementares de diagnóstico, instituiu-se o tratamento quimioterápico, o protocolo adotado foi a combinação das drogas ciclofosfamida (217 mg/m², VO) e sulfato de vincristina (0,75 mg/m², IV) em seções a cada 21 dias, e prednisolona (1,2 mg/kg, VO, contínuo), com o acompanhamento da remissão tumoral por meio de exames complementares de imagem.

Oito dias após o primeiro atendimento, foi realizada análise hematológica, perfil bioquímico e radiografia torácica do paciente. Em leucograma evidenciou-se linfocitose (7,96 K/μl), monocitose (0,79 K/μl) e eosinopenia (0,05 K/μl), demais valores dentro dos valores de referência para a espécie (Tabela 14). No exame radiográfico, havia aumento de radiopacidade em região ventral da cavidade torácica, podendo estar relacionada a discreta quantidade de efusão pleural, aumento da radiopacidade em região cranial do hemitórax direito e alargamento do mediastino cranial, não descartando a possibilidade de formação mediastinal (Figura 14).

O paciente encontrava-se clinicamente estável e recebeu alta clínica, sendo solicitado retorno em duas semanas, para realização dos exames complementares para acompanhamento do estadiamento tumoral, e realização da quimioterapia posteriormente.

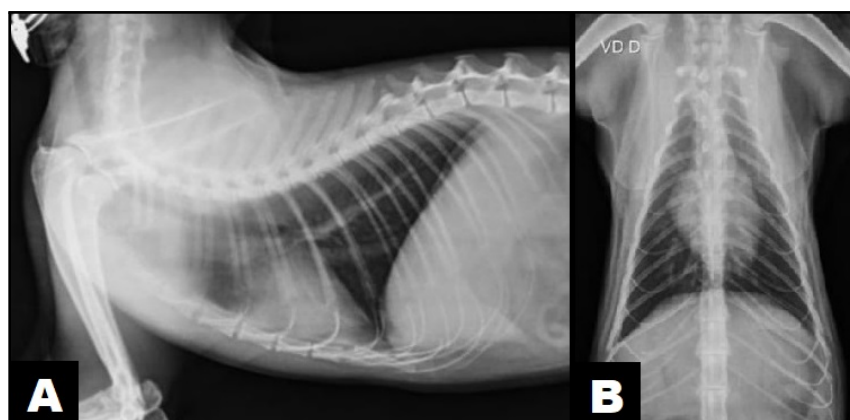
Figura 14 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: radiografia torácica, projeções laterolateral (A) e ventrodorsal (B), evidenciando alterações relacionadas a derrame mediastinal



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

No dia 15 de abril de 2021, retornou ao hospital para realizar a análise hematológica e o perfil bioquímico, ambos encontravam-se dentro dos valores de referência, estando apto para receber a segunda sessão quimioterápica. Foi solicitada radiografia torácica de controle, a qual mantinha-se a persistência da área de maior radiopacidade em região cranial da cavidade torácica sobreposta a silhueta cardíaca, porém de forma menos acentuada, observou-se aumento da radiopacidade em região ventral da cavidade torácica, a qual pode estar relacionado a uma discreta quantidade de efusão pleural (Figura 15).

Figura 15 – Felino, SRD, 2 anos de idade, com linfoma mediastínico: radiografia torácica, projeções laterolateral (A) e ventrodorsal (B), evidenciando alterações relacionadas a derrame mediastinal



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Até o presente momento, o paciente encontra-se em estado clínico estável e responsivo à terapia antineoplásica instituída, sendo realizado exames laboratoriais (hemograma e bioquímica sérica) obrigatoriamente a cada 21 dias, previamente a realização da quimioterapia, sendo

possível acompanhar através do exame radiográfico a evolução favorável da remissão tumoral.

4.1.3 Discussão

O diagnóstico de linfoma mediastínico relatado foi baseado nos achados clínicos apresentados, histórico do paciente, além da realização de exames complementares de imagem e análise citológica do líquido pleural.

As neoplasias mediastinais acometem em sua maioria animais jovens, em média com 2 anos de idade, e portadores de leucemia viral felina (FABRIZIO et al., 2014). Segundo Hartmann (2012), animais soropositivos para FeLV possuem 62% mais probabilidade de desenvolver linfoma em comparação aos não infectados. Dessa forma, o paciente relatado era um felino predisposto ao desenvolvimento da neoplasia.

Apatia, anorexia e depressão, são sinais clínicos inespecíficos, e comumente ocorrem antes de alterações respiratórias nítidas. Linfomas em cavidade torácica causam sinais respiratórios em razão do volume do tumor e da efusão por ele induzido (CÁPUA et al., 2005), esses sinais clínicos podem ainda ser agravados pelo derrame pleural (SANTOS; ALESSI, 2017). Os sinais clínicos relacionados e apresentados pelo paciente relatado, foram dispneia, taquipneia, cianose, e alterações nos sons pulmonares e cardíacos.

Conforme verificado neste caso, a radiografia e a ultrassonografia torácica são técnicas úteis e contribuem para o diagnóstico definitivo (BERNARDI et al., 2020). A partir da realização dos exames complementares de imagem foi possível investigar a massa mediastínica, sendo possível mensurar seu volume, assim como identificar a efusão pleural. Segundo Nelson e Couto (2015), as células neoplásicas de tumores no interior da cavidade torácica geralmente são esfoliadas para a efusão, e o diagnóstico definitivo pode ser obtido através da análise citologia desse fluido, conforme também foi verificado neste caso.

A quimioterapia sistêmica é a modalidade primária de tratamento para linfoma em felinos (LITTLE, 2018), o protocolo antineoplásico instituído foi com a utilização de ciclofosfamida, sulfato vincristina e prednisolona, em sessões a cada 21 dias. O sulfato de vincristina é um agente antineoplásico, bem tolerada pelo paciente, e atua diretamente na mitose celular, a ciclofosfamida é usada como adjunto na quimioterapia, possui característica citotóxica para células tumorais (PAPICH, 2012). A terapia com múltiplos quimioterápicos tende a ter uma resposta melhor do que a terapia com um único fármaco isolado (OLIVEIRA et al., 2020).

Para receber o protocolo quimioterápico, obrigatoriamente, deve ser realizado exames laboratoriais prévios (hemograma completo, avaliação renal e hepática), e conforme necessidade, exames de imagem (JERICÓ; ANDRADE NETO; KOGIKA, 2015), conduta essa instituída e verificada nesse relato de caso. Linfomas de alto grau de malignidade, apresentam índices mitóticos elevados, sendo o mais responsivo a quimioterapia, porém o paciente tem uma sobrevida menor, se comparado ao linfoma de baixo grau (OLIVEIRA et al., 2020).

Apesar do prognóstico desfavorável, com a utilização da terapia quimioterápica a sobrevida

pode chegar até nove meses, devido ao *status* FeLV positivo, essa perspectiva pode ser reduzida (SMITH et al., 2014). O acompanhamento veterinário constante, assim como o comprometimento do tutor sobre as necessidades do quadro, torna possível que o animal tenha uma boa qualidade de vida (HARTMANN, 2011).

4.2 CASO CLÍNICO 2 - NEFROPATIA JUVENIL ASSOCIADA À SUSPEITA CLÍNICA DE DISPLASIA RENAL EM CANINO DOMÉSTICO

4.2.1 Introdução

Nefropatia juvenil é um termo abrangente para doenças renais progressivas, congênita ou hereditária, as quais cursam com o desenvolvimento da doença renal crônica em animais jovens (LIMA et al., 2017). A displasia renal é um exemplo de nefropatia juvenil progressiva, ocorre devido anormalidade do parênquima renal decorrente da diferenciação anormal durante a nefrogênese, podendo acometer os rins de maneira uni ou bilateral (SANTOS; ALESSI, 2017). Possui caráter hereditário e familiar, identificada comumente em cães das raças Lhasa Apso, Shih-tzu e Terriers (SEILER et al., 2010; GRANJA et al., 2018).

Devido as alterações estruturais, as principais funções excretórias, regulatórias e endócrinas dos rins são perdidas, e dessa forma o animal desenvolve um quadro de insuficiência renal crônica (IRC), conseqüentemente ocorre retenção de solutos nitrogenados no organismo, gerando desarranjos do balanço hídrico, ácido-básico e eletrolítico (NELSON; COUTO, 2015). Os sinais clínicos compatíveis com a doença são, anorexia, letargia, poliúria, polidipsia, vômito, diarreia e hálito amoniacal (CHEW; DIBARTOLA; SCHENCK, 2011).

O diagnóstico para displasia renal deve ser embasado no assinalamento familiar, manifestação clínicas e laboratoriais apresentadas (JERICÓ; ANDRADE NETO; KOGIKA, 2015). Os exames de imagem auxiliam na investigação, e os achados ultrassonográficos incluem pobre definição corticomedular e hiperecogenicidade corticomedular (THRALL, 2014). Entretanto, para obter o diagnóstico definitivo a avaliação morfológica dos rins e análise histológica, por meio de biópsia ou material *post mortem* deve ser realizada (HOPPE et al., 1990).

A terapia é restrita ao manejo clínico e conservativo, com intuito de melhorar a qualidade de vida, minimizando os sinais clínicos de doença renal crônica (GOMES et al., 2014). A gravidade, taxa de progressão da doença, bem como a perspectiva de vida são variáveis para cada paciente (SEILER et al., 2010; GRANJA et al., 2018).

4.2.2 Relato de caso

Um canino, macho, da raça Shih-tzu, seis meses de idade, pesando 3,70 kg, foi atendido no dia 25 de abril de 2021 no Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro (HVRS), apresentando

episódios de êmese persistente, diarreia, hiporexia e emagrecimento progressivo. Ao exame clínico geral, constatou-se estado geral de apatia, animal somente em decúbito esternal, severa algia durante a palpação abdominal, mucosas hipocoradas, hálito amoniacal, ECC 2 considerando escala de 1 a 5, temperatura retal 37,5°C, frequência cardíaca de 148 bpm, frequência respiratória de 32 mpm, e desidratação sendo estimada em 5%.

O canino foi submetido a coleta de sangue para avaliação hematológica e perfil bioquímico sérico, sendo solicitado também exame ultrassonográfico abdominal. A avaliação hematológica revelou anemia arregenerativa, normocítica e normocrômica (Tabela 15). Em perfil bioquímico, observou-se azotemia, onde o nitrogênio ureico sanguíneo estava elevado (335 mg/dl) assim como a creatinina (8,6 mg/dL) e ALT aumentada (158 U/L) (Tabela 16).

Tabela 15 – Canino, Shih-tzu, 6 meses de idade, com suspeita clínica de displasia renal:
Análise hematológica

Hemograma				
Exames	26/04/2021	29/04/2021	Intervalo de referência	Un
Eritrócito	2.94	3.73	5.65 - 8.87	M/ μ L
HCT	17.4	23.0	37.3 - 61.7	%
HGB	6.6	8.3	13.1 - 20.5	g/dL
MCV	62.1	61.7	61.6 - 73.5	fL
MCH	22.4	22.3	21.2 - 25.9	pg
MCHC	37.9	36.1	32.0 - 37.9	g/dL
RETIC	6.2	6.7	10.0 - 110.0	K/ μ L
PLQ	189	225	148 - 484	K/ μ L

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Tabela 16 – Canino, Shih-tzu, 6 meses de idade, com suspeita clínica de displasia renal:
Análise bioquímica

Bioquímica sérica				
Exames	26/04/2021	29/04/2021	Intervalo de referência	Un
GLU	97		74 - 143	mg/dL
CREA	8.6	6.5	0.5 - 1.8	mg/dL
BUN	335	256	7 - 27	mg/dL
TP	5.8		5.2 - 8.2	g/dL
ALB	2.8		2.3 - 4.0	g/dL
GLOB	3.9		2.5 - 4.5	g/dL
ALT	158		10 - 125	U/L
ALKP	67		23 - 212	U/L

Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Na ultrassonografia abdominal (Anexo B), rins apresentavam-se com hiperecogênica difusa em cortical e medular, junção corticomédular mal definida (Figura 16). Estômago sem definição de camadas e paredes espessadas, e alças intestinais com paredes normoespessadas.

Figura 16 – Canino, Shih-tzu, 6 meses de idade, com suspeita clínica de displasia renal: ultrassonografia renal, demonstrando a perda da arquitetura do órgão



Fonte: Marina Silva do Rosário (2021).

Foi optado pela hospitalização do paciente no HVRS, para estabilização e tratamento sintomático. A terapia instituída, foi com a utilização de fluidoterapia IV com solução de ringer com lactato a uma taxa de infusão de 2,5 ml/kg/h, Ornitil (1 ml/kg, IV, SID), omeprazol (0,5 mg/kg, IV, SID), metadona (0,2 mg/kg, SC, QID), Bionew (0,2 mL/kg, IV, SID), Cobavital (1 mg/kg, VO, BID), Eritropoetina (100 UI/kg, SC, SID), metronidazol (15 mg/kg, IV, BID), citrato de maropitant (1 mg/kg, SC, SID) e Metacell Pet (0,1 ml/kg, VO, BID).

Ao longo do tratamento foram solicitados novos exames laboratoriais, a fim de monitorar o quadro anêmico e urêmico da paciente. A bioquímica de avaliação renal continuava alterada, o nitrogênio ureico sanguíneo estava elevado (256 mg/dl) assim como a creatinina (6,5 mg/dL (Tabela 16), em hemograma anemia persistente (Tabela 15). Devido à baixa responsividade ao tratamento e debilidade geral e progressiva do paciente, os tutores optaram pela realização da eutanásia, não autorizando a realização da necropsia para obtenção do diagnóstico confirmatório para displasia renal.

4.2.3 Discussão

O diagnóstico de nefropatia juvenil relatado foi baseado nos achados clínicos, histórico do paciente, e nas alterações visíveis no exame complementar de imagem. Neste relato não foi realizado a análise histológica do tecido renal, o qual seria essencial para a confirmação de displasia renal.

A doença renal crônica (DRC), ocorre principalmente nos animais de idade mais avançada, quando observada em animais jovens, é associada a doenças renais congênicas e/ou hereditárias,

principalmente em animais de raça definida (NOTOMI et al., 2006), devido a predisposição racial, o paciente relatado era um canino predisposto ao desenvolvimento de displasia renal.

O início das alterações clínicas ocorre entrem entre 4 e 24 meses de vida (HOPPE; KARLS-TAM, 2000). Para Nelson e Couto (2015), os primeiros sinais clínicos notados pelos tutores é noctúria, poliúria e polidipsia. Anorexia, perda de peso e êmese são achados comuns, a diarreia é uma alteração tardia em pacientes urêmicos. Ao exame físico, a má condição corporal, desidratação, e palidez de mucosas, são condições frequentemente observadas. O perfil do paciente neste caso foi condicentes aos descritos pela literatura assim como os sinais clínicos.

Segundo Poppl, González e Silva (2004), a dosagem sérica de creatinina e uréia são indicadores confiáveis da função renal além de possuir baixo custo, conforme verificado neste caso, o paciente apresentava aumento significativo dessas enzimas. A DRC pode ser estadiada de acordo com a creatinina sérica, com base nas diretrizes similares as propostas pela *International Renal Interest Society* (NELSON; COUTO, 2015), valores superiores a 5,0 mg/dL caracteriza o estadiamento mais severo da doença (DUTRA et al., 2019). Em hemograma anemia arregenerativa estava presente, isso ocorre devido ao prejuízo da produção renal de eritropoietina (JERICÓ; ANDRADE NETO; KOGIKA, 2015). A função plaquetária pode estar prejudicada, mas o número de plaquetas tipicamente está normal (NELSON; COUTO, 2015).

A ultrassonografia contribui para o diagnóstico definitivo, a sua realização é indicada em casos de nefropatias, uma vez que auxilia na identificação de alterações e determinação do grau de comprometimento renal (BABICSAK et al., 2012). O ultrassom pode revelar hiperecogenicidade do tecido renal, quando a ecogenicidade medular aumenta e se torna similar à cortical, além de perda da distinção corticomedular (THRALL, 2014), esses achados foram observados no animal. A urinálise é uma análise importante para acompanhar a progressão da nefropatia (NELSON; COUTO, 2015), embora não tenha sido realizada nesse presente relato.

O exame histopatológico, não foi realizado, o qual seria necessário para chegar ao diagnóstico definitivo para displasia renal, onde, macroscopicamente o rim displásico possui tamanho reduzido, firme, superfície irregular, aderência da cápsula renal ao parênquima (JERICÓ; ANDRADE NETO; KOGIKA, 2015). Segundo Santos e Alessi (2017), histologicamente o número de néfrons, lóbulos e cálices estará normal, sendo possível diferenciar a displasia de outras enfermidades, alterações características como glomérulos e túbulos imaturos, fibrose intersticial, ductos metanéfricos e de tecido mesenquimal primitivo, tecido cartilaginoso e/ou ósseo e hipertrofia compensatória de alguns glomérulos.

De acordo com Crivellenti e Borin-crivellenti (2015), a terapia instituída é a mesma preconizado para pacientes com IRC. Fornecimento de dieta de alta digestibilidade, estimulantes do apetite, antieméticos em caso de vômitos, protetores gástricos, fluidoterapia enteral, suplementação vitamínica e utilização de Eritropoietina (rhEPO) quando o hematócrito se encontra <20%.

O prognóstico é desfavorável, e a displasia renal é uma doença que deve ser considerada

como diagnóstico diferencial para animais jovens que apresentam sinais clínicos condizentes à insuficiência renal crônica, especialmente para animais de raças predispostas. Nessa forma, o perfil bioquímico, e exames complementares de imagem devem ser sempre solicitados para definir o estadiamento da doença e monitoramento do paciente (NELSON; COUTO, 2015). Devido o caráter hereditário, a reprodução desses indivíduos deve ser evitada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular obrigatório inserido no currículo do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Caxias do Sul foi de extrema importância, para junção do conhecimento teórico adquirido ao longo da graduação com a vivência prática da rotina clínica de um hospital veterinário. Agregando no raciocínio clínico crítico e conduta profissional ética.

Avaliando os resultados do trabalho, tanto no setor de clínica médica quanto no de clínica cirúrgica no HVRS, pode-se notar uma prevalência maior nos atendimentos em caninos, em sua maioria sem raça definida. O sistema mais acometidos durante o tempo de estágio foi o digestório e glândulas anexas, seguido do sistema tegumentar. As afecções mais vistas foram gastroenterite, pancreatite aguda, além de laceração cutânea decorrente de ataque por outros animais.

Através do trabalho descrito, foi possível perceber a importância da dedicação ao estudo das alterações oncológicas e renais na clínica de pequenos animais, tendo em vista que hoje em dia os tutores estão dispostos a investir todo esforço necessário para aumentar a sobrevivência de seus animais de estimação. Dessa forma, o conhecimento clínico associado a investigação anamnésica e exames complementares, são de suma importância para poder prestar um atendimento cada vez mais adequado ao paciente.

REFERÊNCIAS

- BABICSAK, V. R. et al. Contribuição da ultrassonografia para o diagnóstico da displasia renal em cães. **Veterinária e Zootecnia**, [S.l.], p. 181–185, 2012.
- BERNARDI, S. et al. Flow cytometric analysis of mediastinal masses in cats: a retrospective study. **PubMed**, [S.l.], v. 7, p. 444, 2020.
- CABRAL, L. A. R. et al. Hemometra/piometra em cadela: tratamento clínico-cirúrgico relato de caso. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 470–476, 2016.
- CHEW, D.; DIBARTOLA, S.; SCHENCK, P. **Canine and feline nephrology and urology**. [S.l.]: Elsevier, 2011.
- CRIVELLENTI, L. Z.; BORIN-CRIVELLENTI, S. **Casos de rotina em medicina veterinária de pequenos animais**. 2. ed. [S.l.]: MEDVET, 2015.
- CÁPUA, M. L. B. et al. Linfoma mediastinal em felino persa – relato de caso. **ARS VETERINARIA**, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 311–314, 2005.
- DALECK, C. R.; DE NARDE, A. B. **Oncologia em cães e gatos**. 2. ed. [S.l.]: ROCA, 2016.
- DUTRA, M. S. et al. Diagnóstico precoce de doença renal crônica. **Ciência Animal**, [S.l.], v. 29, n. 1, p. 121–128, 2019.
- FABRIZIO, F. et al. Feline mediastinal lymphoma: a retrospective study of signalment, retroviral status, response to chemotherapy and prognostic indicators. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, [S.l.], v. 16, n. 8, p. 637–644, 2014.
- FOSSUM, T. W. **Cirurgia de pequenos animais**. 4. ed. [S.l.]: Elsevier, 2014.
- GOMES, V. R. et al. Aspectos clínicos, ultrassonográficos e anatomopatológicos da displasia renal em lhasa apso com nefropatia juvenil progressiva. **Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**, [S.l.], p. 168–173, 2014.
- GRANJA, L. C. et al. Displasia renal em cães. revisão de literatura. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, [S.l.], v. 12, n. 4, p. 531–538, 2018.
- GREENE, C. **Doenças infecciosas em cães e gatos**. 4. ed. [S.l.]: Roca, 2015.
- HARTMANN, K. Clinical aspects of feline immunodeficiency and feline leukemia virus infection. **Veterinary immunology and immunopathology**, [S.l.], v. 143, p. 190–201, 2011.
- HARTMANN, K. Clinical aspects of feline retroviruses: a review. **Viruses**, [S.l.], v. 4, n. 11, p. 2684–2710, 2012.
- HOPPE, A. et al. Progressive nephropathy due to renal dysplasia in shih tzu dogs in sweden: a clinical pathological and genetic study. **Journal of Small Animal Practice**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 83–91, 1990.

- HOPPE, A.; KARLSTAM, E. Renal dysplasia in boxers and finnish harriers. **Journal of Small Animal Practice**, [S.l.], v. 41, n. 9, p. 422–426, 2000.
- JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P. d.; KOGIKA, M. M. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. [S.l.]: Roca, 2015.
- LACERDA, A. **Técnicas cirúrgicas em pequenos animais**. [S.l.]: Elsevier, 2012.
- LAVADOURO, J. H. B. et al. Intoxicação por ivermectina em cães. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, [S.l.], v. 13, p. 55–56, 2013.
- LEVY, J. et al. 2008 american association of feline practitioners' feline retrovirus management guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 300–316, 2008.
- LIMA, S. et al. Displasia renal em cães: estudo retrospectivo (2008-2013). **Acta Scientiae Veterinariae**, [S.l.], v. 45, p. 1–5, 2017.
- LITTLE, S. **O gato - medicina interna**. 1. ed. [S.l.]: ROCA, 2018.
- LUSA, F.; AMARAL, R. Otite externa. **PUBVET**, [S.l.], v. 4, n. 24, 2010.
- NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina interna de pequenos animais**. 5. ed. [S.l.]: Elsevier, 2015.
- NOTOMI, M. K. et al. Retrospective study of chronic renal failure cases in dogs between 1999 a 2002. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, [S.l.], v. 43, n. supl., p. 12–22, 2006.
- OLIVEIRA, L. A. et al. Linfoma multicêntrico em felino doméstico: relato de caso. **PUBVET**, [S.l.], v. 14, n. 9, p. 132, 2020.
- PAPICH, M. G. **Manual saunders terapia veterinária - pequenos e grandes animais**. 3. ed. [S.l.]: Elsevier, 2012.
- PEREIRA, V. C. et al. Cirrose hepática associada à ingestão de *Cycas revoluta* em canino. **Acta Scientiae Veterinariae**, [S.l.], v. 48, p. 5, 2020.
- POPPL, A. G.; GONZÁLEZ, F. H. D.; SILVA, S. C. Alterações clínico-laboratoriais em transtornos renais de cães (*Canis familiaris*). **Revista Científica de Medicina Veterinária. Pequenos Animais e Animais de Estimação**, [S.l.], v. 2, p. 92–98, 2004.
- RABELO, R. **Emergências em pequenos animais: condutas clínicas e cirúrgicas no paciente grave**. [S.l.]: Elsevier, 2012.
- RODRIGUES, B.; MOLINARI, B. L. D. Diagnóstico e tratamento de parvovirose canina: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 127–134, 2017.
- SANCHES, F. J. et al. Tríade neonatal em felino. **Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, [S.l.], v. 4, 2017.
- SANTINI, G. et al. Cervical intervertebral disk disease in dogs: 28 cases (2003-2008). **Pesquisa Veterinária Brasileira**, [S.l.], v. 30, p. 659–664, 2010.
- SANTOS, R. L.; ALESSI, A. C. **Patologia veterinária**. 2. ed. [S.l.]: ROCA, 2017.

SEILER et al. Ultrasonographic findings in cairn terriers with preclinical renal dysplasia. **Veterinary & Radiology Ultrasound**, [S.l.], v. 51, n. 4, p. 453–457, 2010.

SMITH, F. et al. **Consulta veterinária em 5 minutos: espécies canina e felina**. [S.l.]: MANOLE, 2014.

THRALL, D. **Diagnóstico de radiologia veterinária**. 6. ed. [S.l.]: Elsevier, 2014.

ANEXO A – ECODOPPLERCARDIOGRAFIA FELINO COM LINFOMA MEDIASTÍNICO

Nome: _____ Espécie: felino Sexo: M
 Raça: SRL Idade: 2 anos Peso: não inf.
 Tutora(a): _____
 M.Veterinário: _____
 Data: 23.03.21
 Condição do paciente durante o exame: tranquilo

LAUDO – ECODOPPLERCARDIOGRAMA

FC: 129 bpm
 Valvas atrioventriculares: Normal
 Tricúspide: Normal
 Valvas semilunares:
 Aórtica: Normal
 Pulmonar: Normal
 Pericárdio: aspecto ecocardiográfico normal.
 Aorta: 0,66 cm
 Átrio esquerdo: 0,92 cm (Normal)
 Relação AE/AO: 1,39 (Normal)
 Átrio direito: Normal
 Ventriculo direito: Normal
 Ventriculo esquerdo:
 Septo interventricular: 0,37 cm (Normal)
 Parede livre: 0,52 cm (Normal)
 Cavidade do VE:
 Diâmetro diastólico: 1,40 cm (Normal)
 Diâmetro sistólico: 0,69 cm (Normal)
 Fração de encurtamento: 50,7% (Normal)
 Fração de ejeção: 85% (Normal)
 Doppler
 Velocidade máxima do fluxo aórtico: 49,2 cm/s
 Gradiente: 0,97 mmHg
 Velocidade máxima do fluxo pulmonar: 99,3 cm/s
 Gradiente: 3,94 mmHg
 Velocidade da onda E mitral: 65,1 cm/s
 Velocidade da onda A mitral: 58,4 cm/s
 Relação E/A mitral: 1,11

CONCLUSÃO:

Presença de estrutura de ecogenicidade heterogênea, com medidas aproximadas de 4,21 x 1,63 localizada adjacente e cranial ao coração, podendo estar situada em mediastino (timoma?) ou em parênquima pulmonar (neoplasia pulmonar?). Recomenda-se tomografia. Sugere-se acompanhamento em 3 meses.

Rafaela Cristina Fontana

Rafaela Cristina Fontana
CRMV-RS 9908

ANEXO B – ULTRASSONOGRRAFIA CANINO COM SUSPEITA CLÍNICA DE DISPLASIA RENAL

Nome do paciente:	Tutor (a):
Raça: Shihtzu	Exame N ^o : 433
Espécie: Canino	Data: 26/04/2021
Idade: 6 meses	Requisitante: Dr (a):

EXAME ULTRASSONOGRÁFICO:

Vesícula urinária: Moderadamente repleta, com forma, conteúdo e paredes preservadas.

Próstata: Com bordos regulares, parênquima normoecogênico homogêneo medindo 1,95 cm x 2,04 cm x 1,74 cm (dentro da normalidade).

Testículo: Com bordos e mediastino preservados, parênquima normoecogênico homogêneo.

Rins: Dimensões mantidas, arquitetura externa preservada e relação corticomedular não definida. Cortical e medular hiperecogênica difusa. Sem possibilidade de avaliação de cortical e medular. Junção corticomedular mal definida (nefropatia / nefropatia crônica / sobrecarga renal).

Glândulas adrenais: Cortical e medular normoecogênica homogênea. Adrenal esquerda mede 1,70 cm eixo longitudinal x 0,41 cm polo cranial e x 0,47 cm polo caudal. Adrenal direita mede 0,87 cm eixo longitudinal x 0,28 cm polo cranial e x 0,36 cm polo caudal.

Baço: Com bordos preservados e parênquima normoecogênico homogêneo.

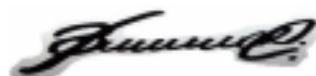
Estômago: Com formato preservado, sem definição de camadas e paredes espessadas medindo 0,64 cm (gastrite).

Fígado: Bordos preservados e parênquima normoecogênico homogêneo.

Vesícula biliar: Muito repleta, com forma, parede e conteúdo preservado.

Alças intestinais: Apresentaram-se em distribuição topográfica habitual, com camadas preservadas, paredes normoespessas e peristaltismo mantido. A parede do duodeno mede 0,54 cm e a do cólon mede 0,34 cm. Lúmen do cólon mede 0,74 cm (colite importante).

Pâncreas: Em topografia de lobo pancreático direito o pâncreas mede 0,50 cm, com bordos preservados e parênquima normoecogênico homogêneo.



Bruna Lisboa Rocha
CRMV-RS 12998

